

A riqueza é um elemento da vida do homem contemporâneo que, conforme esteja ou não presente, apresenta uma dualidade de efeitos nela, maus e bons.

Efetivamente, um homem ou mulher de grandes posses, sejam estas de teor fundiário, financeiro ou outro, tem uma vida desprovida de preocupações materiais.

Contudo, dessa ausência de preocupações materiais pode advir uma inquietação quase obsessiva em manter esses bens e um medo obscuro de os perder para as vicissitudes da vida. Tome-se como exemplo um proprietário de terras à exploração, que, não tendo dificuldades de ordem material, pode ter um tremendo temor de vir a perder essas propriedades devido a insuficiências de produção e conseqüente falência, ou, até, por motivos de ordem política, como foi o caso das nacionalizações do período revolucionário pós- 25 de Abril.

Por outro lado, um indivíduo de posses modestas não tem essa obsessão em manter uma fortuna que não possui. Uma pessoa de posses modestas não se vê consumida pela ganância dos, usando um anglicismo, “fat cats”, já que não tem de se preocupar com nenhuma fortuna a manter e a gerir. No entanto, se essa pessoa sofrer dificuldades financeiras, então o seu problema será de sobrevivência, o que também é psicologicamente danoso. A título exemplificativo, veja-se o caso dos trabalhadores da construção civil, cujo trabalho periódico e incerto não lhes garante estabilidade financeira nem, associativamente, mental.

Em suma, pode-se apreender que a riqueza e o dinheiro assumem um papel determinante na vida do homem contemporâneo, sendo que tanto a sua presença como ausência têm ambas vantagens e contrapartidas.

Miguel Filipe Barbosa Machado, Escola Básica e Secundária de Ermesinde, Valongo